

## O MELHOR QUE EU TENHO

Robert Fulghum

De tempo em tempo, a caixa que contém aquelas bugigangas, os tesouros pessoais que sobreviveram a tantas "limpezas" e tentativas de ser jogados no lixo, atrai a minha atenção. Um ladrão que a examinasse não levaria nada - não receberia um centavo por nada daquilo. Mas, se um dia a casa pegar fogo, a caixa irá comigo quando eu sair correndo.

Um dos objetos da caixa é um pequeno saco de papel. Uma espécie de lancheira. Embora a boca do saco esteja fechada com fita adesiva, grampos e vários cliques, há um rasgo em um dos lados através do qual é possível ver o seu conteúdo. Esse saco de papel está sob meus cuidados há uns 14 anos, mas pertence à minha filha, Molly. Assim que chegava da escola, quando ela era criança, começava a empacotar os lanches do dia seguinte. Certa manhã, Molly entregou-me dois sacos de papel, no momento em que eu me aprontava para sair de casa. Um continha o lanche. O outro estava fechado com fita adesiva, grampos e cliques.

- Por que dois?
- O outro tem uma coisa especial.
- O que é?
- Algumas coisinhas para você levar para o trabalho.

Ao meio-dia, enquanto eu abria apressadamente o meu lanche verdadeiro, rasguei o outro saco que Molly me dera e despejei o conteúdo na mesa. Elásticos para prender cabelo, três pedrinhas, um dinossauro de plástico, um toco de lápis, uma conchinha, dois biscoitos em formato de animais, uma bolinha de gude, um batom usado, uma bonequinha, duas barras de chocolate e algumas moedinhas totalizando 13 centavos.

Eu sorri. Que graça! Levantei-me preparado para enfrentar os assuntos importantes da tarde e limpei a mesa, jogando tudo no cesto de lixo - as sobras do lanche, as coisinhas de Molly, tudo. Não havia nada ali que me pudesse ser útil.

Naquela noite, Molly aproximou-se de mim enquanto eu lia o jornal.

- Onde está o saco?
- Que saco?
- Você sabe. Aquele que dei para você hoje cedo.
- Ficou no escritório. Por quê?
- Esqueci de colocar um bilhetinho dentro - ela disse, entregando-o a mim. - Quero tudo de volta.
- Por quê?
- São coisinhas minhas, papai, coisinhas de que gosto muito. Achei que você gostaria de brincar com elas; mas agora quero tudo de volta. Você não perdeu aquele saco, não é mesmo, papai? - Lágrimas começaram a brotar nos olhos dela. - Traga de volta amanhã, está bem?
- Claro... não se preocupe.

Quando ela me abraçou, aliviada, eu abri bilhetinho, onde se lia:

"Eu amo você, papai." E agora?

Molly me dera seus tesouros. Tudo o que aquela menina de sete anos mais prezava. Amor dentro de um saco de papel E eu não tinha entendido.

Além de não entender, atirei tudo no lixo porque "não havia nada ali que me pudesse ser útil".

A viagem de volta ao escritório foi longa. Mas não havia outra coisa a ser feita. Cheguei antes da faxineira, peguei o cesto de lixo e derrubei o conteúdo em minha mesa... e encontrei os tesouros.

Depois de lavar o dinossauro coberto de mostarda e limpar os outros objetos com o desinfetante bucal que eu usava para eliminar o hálito com cheiro de cebola, alisei cuidadosamente o saco de papel, amassado em formato de bola, coloquei os tesouros dentro e retornei apressado para casa, como um gatinho machucado. Na manhã seguinte, devolvi o saco a Molly. Não houve perguntas nem explicações. Depois do jantar, pedi a ela que me falasse sobre o que havia dentro do saco. Foi uma conversa longa. Cada coisinha daquelas tinha uma história, uma lembrança ou estava ligada a sonhos e amigos imaginários.

Para minha surpresa, Molly devolveu-me o saco mais uma vez, alguns dias depois. Era o mesmo saco rasgado, contendo as mesmas coisas. Eu me senti perdoado. E digno de confiança. E amado. Nos meses seguintes, passei a levar os tesouros comigo de tempos em tempos. Eu mesmo não sabia por que não os levava diariamente.

Comecei a pensar neles como se fossem um prêmio para mim, e tentava ser bondoso na noite anterior para merecer levá-los comigo na manhã seguinte.

Com o passar do tempo, Molly dirigiu sua atenção para outras coisas... encontrou outros tesouros... perdeu interesse pela brincadeira... cresceu. E eu? Eu fui incumbido de guardar o saco de papel. Ela o colocou em minhas mãos um dia e nunca mais me pedi~ que o devolvesse. Eu o guardo até hoje.

Às vezes, penso em todas aquelas ocasiões agradáveis da vida em que não entendi o carinho que me era oferecido. Um amigo compara essa situação a "estar com a água na altura dos joelhos e morrer de sede". O saco de papel rasgado está lá, dentro da caixa. Lembrança de um tempo em que uma criança disse:

- Aqui está tudo o que tenho de melhor. Pode levar, é seu. Tudo o que é meu, dou a você.

Eu não entendi na primeira vez. Mas agora aqueles tesouros me pertencem.